

GARRETT E A MODA¹



o segundo centenário do nascimento de João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, propusemo-nos estudar um aspecto muito particular da sua personalidade, frequentemente citado, mas jamais aprofundado – a sua relação com a moda vestimentar. A tarefa parecia fácil, o gosto pela *toilette* que cultivava de forma particularmente evidenciada, foi descrito pelos seus contemporâneos à saciedade, paralelamente conhecia-se o seu interesse pelo aspecto literário da moda, já que o sabíamos autor de uma das raras publicações dedicadas à moda na primeira metade do século XIX – *O Toucador*. Enganávamo-nos, no entanto; a empresa era bem mais espinhosa do que se havia imaginado.

A MODA NA OBRA DE GARRETT

A primeira surpresa que se tem quando se experimenta a obra de Almeida Garrett em termos de descrição ou comentários, relativamente ao vestuário de ambos os sexos, reside na dificuldade em encontrar citações a este relativas, já que são praticamente inexistentes.

Tomando a obra fundamental *Viagens na Minha Terra* como exemplo, raras são as referências ao traje nesta obra, embora por vezes a este recorra, sobretudo para o relacionar com o aspecto psicossociológico da personagem. Assim acontece quando descreve os estranhos trajes da avó da Joanhinha dos olhos verdes.² É, referindo-se a

¹ Entende-se aqui o conceito de moda apenas na sua vertente vestimentar.

² "...vestia uma espécie de túnica roxa, que apertava na cintura com um largo cinto de coiro preto, e que fazia ressaír a alvura da cara e das mãos [...]; toucava-se com um lenço da mais escrupulosa brancura, e posto de um jeito particular a modo de toalha de freira; um mandil da mesma brancura, que tinha no peito e que afectava, não menos, a forma de um escapulário de monja, completava o estranho vestuário da velha".

GARRETT, Almeida, *Viagens na Minha Terra*, s. l. , Publicações Europa-América, 1972

esta personagem que o autor faz uma afirmação ímpar em toda a sua obra, quando afirma que a toilette é a primeira e mais bela das belas-artes.³

Um aspecto ao qual Garrett se mostrava particularmente sensível era o arranjo dos cabelos, o que é visível quando compara a simplicidade dos cabelos de Joanhina, que considera um defeito, com "...a preciosa obra de carrapito e ferro quente, de macáçar e mandolina, que tanto trabalho e tanto tempo, tantos sustos e cuidados, custou!".⁴

Apesar do gosto claramente marcado pelo requinte e pelo elaborado das vestimentas, como adiante se verá, não se coibiu de fazer reparos aos trajes citadinos excessivamente rebuscados cujos portadores descreveu como "...multidões de macacos e bonecas de casaquinha esguia e chapelinho de alcatruz que distinguem a peralvilha raça europeia...".⁵ Críticas que culminaram no seu poema "O Casquilho", nome dado aos janotas mais exagerados, que crismava de meio macacos, meio homens, ordenação que fundamenta na vontade divina, já que considera que uma vez criados foi Deus que:

"...lhes mandou tomar
Ao pé da raça humana o seu lugar
O homem com desprezo o bicho olhou,
Nem sequer nome para dar-lhe achou;
Mas a mulher gostou
De tal farófia de aparente brilho,
E à coisa pôs o nome de - casquilho".⁶

Uma outra surpresa surge quando em *O Inglês* critica precisamente as modas da velha Albion, que afirma não terem "...o bem-posto da [moda] francesa, nem a graça e desgarre daquele vestir...",⁷ tecendo ásperos reparos àqueles que teimavam em seguir as correntes dimanadas de Inglaterra,⁸ o que parece bastante estranho em alguém que importava as suas casacas, e logo as modas de Londres.

Raras são as vezes em que na sua obra há lugar à citação de modas históricas, sendo de mencionar um ou outro apontamento de vestuário na peça *A Sobrinha do*

³ "Em estilo de arte - no estilo da primeira e da mais bela das belas-artes, a toilette...". Idem, ibidem, p. 56.

⁴ Idem, ibidem, p. 56.

⁵ Idem, ibidem, p. 59.

⁶ Idem, "O Casquilho" in *Fábulas e Contos*, Lisboa, Circulo dos Leitores, 1984, p. 259.

⁷ Idem, *O Inglês*, Lisboa, Circulo dos Leitores, 1984, p. 127.

⁸ "O inglês alarga as calças, enche-se o mundo de varinos e soliotas. Desce ele as cinturas, pomon-nos todos com o fato pelos quadris. Tosquia-se e ficamos todos chamorros. Deixa crescer as guedelhas, não se vê senão nazarenos e simonianos por essas ruas [...] tudo imitamos, tudo exageramos dos ingleses ..."
Idem, ibidem, p. 127.

Marquês, que corresponde em termos cronológicos ao final do reinado de Dom José I, podendo-se destacar a referência aos sinais de tafetá que estavam em voga à época e serviam para valorizar o rosto e também o funcionário "peralvilho", que usava polvilhos.¹⁰

É ainda possível falar em enganos relativamente ao traje, assim acontece no *Camões do Rossio*, com o rei Dom João V revelando a prática comum do Portugal do século XVIII de andar embuçado.

As referências à indumentária devem pois ser consideradas exceções na vasta obra de Garrett. Quanto às razões de tal escassez, sobretudo num homem que fazia questão permanente no aprumo do vestuário, não se encontra, sobretudo se for considerado que algumas das alusões que o "Divino" faz podem ser mesmo consideradas como autocríticas, já que o atingem directamente. Pode assim afirmar-se que, ao contrário de outros escritores, dos quais Eça de Queiroz é o exemplo maior, que utilizavam a indumentária para enquadrar as personagens e transmitir até indicações psicossociológicas, o autor em apreço raramente o fez e quando tal aconteceu foi de forma assaz incompleta.

O TOUCADOR – PERIÓDICO SEM POLÍTICA¹¹

O Toucador surge como uma excepção na obra de Garrett. Partindo apenas da afirmação de que se trata de um "periódico sem política" como se pode ver no frontispício, teria sido fundado para servir de instrução a sua prima Luísa Cândida Midosi.¹² Trata-se de uma publicação que abrange um âmbito muito mais vasto que o campo da Moda, um verdadeiro tratado de boas maneiras e urbanidade para as raparigas, muito semelhante aos comuns manuais de civilidade e etiqueta que vinham sendo publicados, sobretudo em França, dos quais alguns conheceram tradução e sucessivas reedições portuguesas, como o anónimo *Elementos de Civilidade e de decencia, para a Instrução da Mocidade de Ambos os Sexos*,¹³ tendo a publicação de Almeida Garrett como diferença a característica de estar estruturada como publicação periódica, sendo também o âmbito da publicação alargado à formação cultural, nomeadamente no campo da Literatura.

⁹ "Aqueles olhos, tão lindos, mortos sem um sinal preto que lhos avive."

Idem, *A Sobrinha do Marquês*, Lisboa, Circulo dos Leitores, 1984, pp. 270-271.

¹⁰ Idem, ibidem, p. 234.

¹¹ Foi consultada a reedição efectuada em Lisboa, Vega, 1993.

¹² LIMA, Fernando de Castro Pires de, "Prefácio" in Almeida GARRETT, *O Toucador*, ..., pp. 11-13.

¹³ Lisboa, Typografia Rollandiana, 1801.

A moda tem no entanto a primazia, como consta do primeiro ponto da carta de intenções:

"1 - A teoria das modas, o desenvolvimento de suas espécies, requisitos, apensos e divisões; a prática ou aplicação desta teoria aos usos diversos, variadas fisionomias, diferentes talhes, distintas proporções, e particular arranjo constituem a primeira, e utilíssima parte de nossas tarefas."¹⁴

Na análise que faz das modas femininas dá a primazia às produções francesas, mais concretamente parisiense, sendo desprezadas as modas inglesas, que chegaram a conhecer os favores das mulheres portuguesas, por ridículas.¹⁵

Quanto ao desenvolvimento, são dadas em geral as tendências que se podem verificar nas modas francesas em termos de usos de materiais e inovação em termos de formas. Curiosamente apesar da declaração inicial de afastamento da política, não resiste e claudica, quando aplaude a voga que é manifestamente ideológica das cores azul e branca nos trajes femininos, cujo uso considera patriótico e que afirma contribuir para manifestar o "amor à causa" e aumentar o "entusiasmo nacional".¹⁶

Analisados atentamente todos os artigos publicados relativamente à indumentária, é possível detectar, não princípios gerais rigorosos, mas antes a subjectividade do autor, nomeadamente quando refere as suas preferências relativamente à cor dos cabelos, assunto ao qual dedica várias páginas.¹⁷

Em cada número introduz as rubricas "Últimas Modas de Paris" e "Usos de Lisboa", que geralmente se reduzem a umas curtas linhas ou um mero parágrafo, aliás de reduzido interesse, já que as referências às modas parisienses são bem escassas, enquanto que as citações ou conselhos relativos às modas alfacinhas se reduzem por vezes à afirmação de que nada de novo se passa.¹⁸

UMA BIOGRAFIA DE MODA

As referências ao vestuário usado por Almeida Garrett são muitas, embora não primam pela variedade, baseiam-se aliás quase exclusivamente às mesmas quatro indicações:

¹⁴ Almeida GARRETT, *O Toucador*, ..., p. 25.

¹⁵ "Toda a Europa desatou às gargalhadas quando viu as bonecas inglesas com seus *desorgados* corpos, extensíssimos *peses*, e desconchavados *joanetes*, metidas a legisladoras de enfeites, e a reguladoras de adornos." Idem, *ibidem*, p. 33.

¹⁶ Idem, *ibidem*, p. 35.

¹⁷ Idem, *ibidem*, pp. 44-50.

¹⁸ Idem, *ibidem*, pp. 39, 42 e 51.

Toilette apurada

Casacas de belo corte e efeito

Coletes particularmente vistosos

E o único elemento dissonante, ou talvez nem por isso:

O Chinó.

É possível no entanto encontrar referências aos vários momentos da sua vida, da mocidade à fase que se pode considerar de decadência quando sobraçou a pasta de Ministro dos Negócios Estrangeiros no ministério do Marechal Saldanha, embora nem sempre as fontes se possam considerar fidedignas, para tal contribuindo o próprio Garrett, que cultivava uma aura mística.

Mas ensaie-se uma tentativa de historiar o percurso que levou o "Bacorinho" dos tempos da Universidade de Coimbra, alcunha que o poeta teve, mas também nome simbólico da sociedade secreta a que pertencia, ao "Divino" com que seria cognominado mais tarde.²⁰

Foi pela sua poesia, mas também pelo aprumo das vestes que Dom José Trazimundo Mascarenhas Barreto, o 7.º Marquês de Fronteira e 5.º de Alorna o notou na plateia de São Carlos, numa das primeiras intervenções públicas em Lisboa:

"Estando na plateia da geral, vi pôr-se de pé sobre um dos bancos um jovem elegante pelas suas maneiras, d'uma physionomia sympathica e toilette apurada, um pouco calvo, apesar da pouca idade, o qual [...] recitou uma bela ode [...] perguntando-se com curiosidade, tanto nos camarotes, como na plateia, quem era o jovem poeta, foi elle proprio que satisfez a curiosidade dizendo chamar-se Garrett..."²¹

Célebre o seu gosto pelo luxo, desenvolver-se-ia ao longo da vida, para tal contribuindo certamente a sua prolongada estadia em Inglaterra a partir de 1823, data em que havia sido expulso de Portugal. Aí, embora de tal não se conheça qualquer referência, conheceu certamente o percurso trágico desse homem que marcou a elegância do mundo ocidental, o capitão George Bryan Brummell, o Belo Brummell. Mas algumas dúvidas se colocam na influência que este cavalheiro exerceu no modo de vestir de Garrett.

¹⁹ CORREIA, Maximino, "Alocução do Reitor da Universidade de Coimbra", in *Comemorações do Primeiro Centenário do Visconde Almeida Garrett (1854-1954)*, Lisboa, Ministério da Educação Nacional, 1959, p. 408.

²⁰ BASTO, Artur de Magalhães, "Garrett Mundano" in *Comemorações do Primeiro Centenário do Visconde Almeida Garrett (1854-1954)*, ..., p. 305.

²¹ BARRETO, D. José Trazimundo Mascarenhas, *Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1926, vol. I-II, p. 212.

George Brummell teve particular relevo na Moda do seu tempo, mas também se pode detectar alguma preponderância em modas e hábitos vestimentares masculinos subsequentes, a quatro níveis distintos e nem sempre interligados:

- 1 -Pela sua prática.
- 2 -Pela sua teoria (forma elegante de chamar aos seus muitos ditos).
- 3 -Pela influência que exerceu sobre o seu homónimo e amigo príncipe de Gales, depois rei George IV, que depois passou esses valimentos à corte e ao mundo.
- 4 -Pelo mito que deixou.

Tentando cruzar esta sistematização, certamente artificial, com as práticas vestimentares de Almeida Garrett, pode considerar-se que

Quando o escritor chegou a Inglaterra, havia já alguns anos que Brummell se encontrava exilado em França, caído em desgraça e completamente falido, paralelamente o dandysmo faria certamente lei nos clubes elegantes londrinos, mas pensa-se que Garrett, acolhido no seio de uma família da burguesia, os Hadley, afastado do centro elegante, não teria contacto com este, ao contrário de outros portugueses emigrados em Londres, como Dom Pedro de Sousa Holstein, depois duque de Palmela, ou Dom Nuno Rolim de Moura Barreto, depois duque de Loulé, o mais belo homem da Europa.²²

Só no segundo exílio viria o poeta a ser apresentado pelo então Marquês de Palmela à aristocracia londrina.

Assim pensa-se que foi com o mito de Brummell que Garrett conviveu e que de alguma forma introduziu em Portugal, com tudo o que de incompatível esse mito tinha com as práticas efectivas de George Brummell.

Como denominadores comuns, certamente o cuidado que tinham com a toilette, mesmo em ocasiões informais, como nas temporadas em que o poeta se acolhia na casa da Ajuda do seu amigo Alexandre Herculano, descritas por Ramalho Ortigão:

"Gastava a manhã inteira a barbear-se, a perfumar-se, a pôr a camisa de sêda, a meter os pés nas pantoufles e a enrolar-se no roupão de veludo, com que tinha de passar de um quarto para o outro."²³

Da mesma forma, Brummell passava várias horas por dia na sua toilette, um episódio memorável é o do visitante que a meio da manhã é recebido por Brummell,

²² PATO, Bulhão, *Memórias*, Lisboa, Perspectivas & Realidades, ed. de 1986, tomo I, p. 62.

O seu encanto físico, mas também a sua elegância estariam na origem do casamento morganático com a infanta Dona Ana de Jesus Maria, filha de Dom João VI.

Cf. SERRÃO, Joel (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, Porto, Livraria Figueirinhas, ed. de 1989, vol. IV, p. 61.

²³ ORTIGÃO, Ramalho, *As Farpas*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, ed. de 1944, tomo III, p. 232.

enquanto o seu criado o ajuda no nó da gravata. Verificando que o chão se encontrava juncado de gravatas rejeitadas, pergunta a razão, ao que o criado lhe terá respondido, que aqueles eram os seus fracassos.²⁴

Mas depois o resultado era diferente. Brummell espantou a sociedade inglesa pela simplicidade do corte das suas casacas, de cores primárias e desadornadas, contrastando com as casacas de influência francesa, plenas de arrebiques que então eram usadas à saciedade,²⁵ aliás num dos seus ditos particularmente significativos e muito repetido, afirmava que "...the severest mortification which a gentleman could incur, was to attract observation in the street by his outward appearance..."²⁶

Garrett pelo contrário espantava pelas casacas vistosas, pelos coletes de ramagens, que embora não chocando os burgueses, não eram bem aceites pela aristocracia bem pensante.

Diferença fulcral: Consta que George Brummell se demitiu de capitão dos Hussardos porque se recusava a andar de polvilhos e porque o uniforme do regimento não lhe agradava particularmente; em contrapartida o nosso Garrett usava chinó para encobrir, não só a calvície precoce, mas também um defeito resultante de uma desastrada queda,

²⁴ LAVER, James, *Costume and Fashion*, Londres, Thames and Hudson, ed. de 1986, p. 160.

Merece ser transcrito um típico episódio matinal de Brummell:

"See him seated before his dressing-glass, a mahogany-framed sliding cheval glass with brass arms on either sides for candles. By his side is George IV, recovering from his drunken bout of last night. The Beau's glass reflects his clean-complexioned face, his grey eyes, his light brown hair, and sandy whiskers. A servant produces a shirt with a 12-inch collar fixed to it, assists the Beau into it, arranges it, and stands aside. The collar nearly hides the Beau's face. Now, with his hand protected with a discarded shirt, he folds his collar down to the required height. Now he takes his white stock and folds it carefully round the collar; the stock is a foot high and slightly starched. A supreme moment of artistic decision, and the stock and collar take their perfect creases. In an hour or so he will be ready to partake of a light meal with the royal gentleman".

CALTHROP, Dion Clayton, *English Costume*, Londres, Adam & Charles Black, 1907, p. 457-458.

Compare-se agora com um episódio matinal típico de Garrett, descrito pelo seu contemporâneo e amigo conde de Sabugosa:

"... ele mandava primeiro colocar a sobrecasaca sobre as costas de uma cadeira; depois passava em revista os coletes variegados, dispunha o que escolhia sobre as bandas da sobrecasaca, já eleita, estudando-lhe o efeito. Em seguida cabia a vez às calças, que, nesse tempo, iam desde a cativa cor da clara flor de alecrim até aos mais inverosímeis tons de róseo-sombrio. Escolhidas, tomavam também lugar no improvisado manequim, com o cós já discretamente escondido por debaixo do colete preferido. Por último, era a vez das gravatas, e, como essas se amontoavam às dúzias na vasta gaveta, a escolha era ainda mais demorada. Só depois de mirar e remirar o efeito geral é que o príncipe das letras e da elegância se resolvia... a vestir-se."

BASTO, Artur de Magalhães, "Garrett, Mundano", ..., p. 310.

²⁵ "The costume of the nineteenth century, as shadowed for us first by Mr Brummell, so quiet, so reasonable, and, I say, emphatically, so beautiful; free from folly or affectation, yet susceptible to exquisite ordering; plastic, austere, economical, economical, may not be ignored".

BEERBOM, M., "Dandies and Dandies" apud Penelope BYRDE, *Nineteenth Century Fashion*, Londres, B. T. Batsford, 1992, p. 89.

²⁶ BYRDE, Penelope, op. cit., p. 94.

sendo de referir que em Portugal, tinha sido o duque de Palmela, com a sua farta cabeleira loira, o responsável pelo ocaso dos polvilhos, que embranqueciam as cabeleiras (e estragavam as casacas) dos elegantes do reino.²⁸

Quanto ao uniforme de hussardo, se Brummell não hesitou em sacrificar a sua carreira como militar para fugir dele, por o considerar de particular mau gosto, já Garrett pelo contrário, aceitou-o por vistoso, senão atente-se à descrição da sessão real da Assembleia de 1837, Janeiro, 26:

"Quasi todos os deputados trajavam o uniforme da Guarda Nacional, que lhes ia a matar. [...] Almeida Garrett [...] estava na força da idade e era o primeiro orador da Camara. Pondo de parte [...] a sua toilette de hussard, com que fez a sua entrada na Assembleia Constituinte, o que, sendo elle Desembargador, lhe deu um certo ridiculo..."²⁹

Uma outra diferença significativa respeita ao uso excessivo de perfume por parte de Almeida Garrett, que carregava com ele "... o estojo de toilette, peça esta que à primeira vista, podia parecer [...] uma botica portátil: tal era [...] a enorme quantidade de frascos, que encerravam finíssimas essências combinadas pelos mais imaginosos e mais famosos perfumistas de Londres e de Paris!"³⁰ enquanto que Brummell, que publicitava tomar banho frequentemente,³¹ recusava perfumes, aliás orgulhava-se mesmo de não necessitar de usar quaisquer substâncias odoríferas.³² Apesar de desmentido veementemente pelo seu biógrafo oficial, Francisco Gomes de Amorim, o certo é que uma das calúnias que chegaram a levantar contra Garrett era exactamente a de ser pouco asseado, o que é contrariado pela afirmação das abluções diárias, às quais apenas alguns privilegiados mais íntimos eram admitidos.³³ Curiosamente ambos influenciaram as modas subsequentes; já foi referido que Brummell criou o mito da elegância masculina, que de alguma forma ainda hoje seduz os homens que buscam os seus fatos na mítica Savile Row, ou fazem as camisas nos camiseiros de Jermyn Street em Londres, da mesma forma que Garrett serviu de modelo a várias gerações de janotas do Chiado.

²⁷ - ORTIGÃO, Ramalho, op. cit., tomo III, p. 232.

²⁸ "...Palmela, chegado de Londres, é o tipo de dandy com a escola de sir George Brummell e de lord Spencer - calmo, impassível, desesperadamente correcto, inverosivelmente sobrio (...) todos o imitam. Os ultimos polvilhos das perucas dos cortejãos cahem ante a sua cabeleira loira, penteada à inglesa". DANTAS, Júlio, "Os elegantes e as elegancias do seculo XIX em Portugal" in *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, 1907, Janeiro, 7, p. 15.

²⁹ BARRETO, D. José Trazimundo Mascarenhas, op. cit., vol. V-VI, pp. 212-213.

³⁰ PATO, Bulhão, *Sob os Ciprestes*, Lisboa, Perspectivas & Realidades, ed. de 1986, p. 34.

³¹ KEMPER, Rachel H., *Costume*, Nova York, Newsweek Books, 1979, p. 118.

³² BYRDE, Penelope, op. cit., p. 95.

³³ AMORIM, Francisco Gomes de, Garrett - Memórias Biográficas, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881, tomo III, p. 350.

Garrett era efectivamente um dandy, um elegante que construiu um verdadeiro culto da sua personalidade, para o qual as vestes tinham um papel particularmente importante. Um episódio particularmente significativo para a compreensão psicossociológica da eleição do seu vestuário é a sua primeira aparição no hemiciclo da Assembleia, já os trabalhos haviam sido iniciados:

"... uma gentilissima figura de homem entrou na sala, [...] era um rapaz de cerca de trinta anos, mais alto do que baixo, elegante [...], uma pequena capa negra pendente dos ombros [...] as calças cor de flor de alecrim estreitando do joelho para baixo apresilhadas sob o sapato de verniz, um chapéu Murillo - a claque - na mão. Dir-se-ia que um jovem dandy europeu chegava às Câmaras. [...] Parou no meio da sala, subiu três degraus da coxia, deixou cair a capa num gesto negligente, apareceu irrepreensível na sua casaca verde-bronze, «busto de abelha», no seu colete de cetim cor de pérola, na sua camisa de cambraia encanudada, [...] sentou-se tranquilamente numa poltrona do centro, embora houvesse muitos lugares vagos na sala. [...] Descaçou as luvas; passou as mãos pela cabeleira saint-simoniense; exibiu num gesto a sanguínea do anel; acariciou a barba que lhe emoldurava a face - barba que ele copiara de Paris dos retratos do Conde d'Orsay, [...] disse para a presidência numa voz forte e bem timbrada:

- Almeida Garrett, presente."³⁴

Após o final da fratricida guerra civil que devastou e empobreceu o país, Garrett foi colocado como encarregado de negócios e cônsul geral de Portugal na Bélgica. Aí viveu na quase penúria, da qual se queixava amargamente na sua correspondência com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, referindo por várias vezes estar arruinado.³⁵ Tal facto não impedia no entanto de se fazer notar pela indumentária, o que neste caso era extensivo a sua mulher, cuja escolha e apuro dos trajes era sem dúvida também da responsabilidade do escritor. Amorim refere que:

"...trajava com tal arte que ofuscava [...], o seu vestuário prendia de tal modo as atenções das mulheres, que imitavam tudo o que ella usava.

³⁴ DANTAS, Júlio, "Garrett, Homem de Estado e Orador Parlamentar, in *Comemorações do Primeiro Centenário do Visconde Almeida Garrett (1854-1954)*, ..., p. 71-72.

A barba, cuja origem fica estabelecida, usava-a Garrett à passa-piolho, que é descrita como correndo "...aparada, desde o cabelo ao longo de uma das faces, e segue por baixo do queixo sem interrupção de continuidade, para a face oposta, ficando rapado o resto da cara..."

VASCONCELLOS, J. Leite de, *A Barba em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1925, p. 41.

³⁵ AMORIM, Francisco Gomes de, op. cit., pp. 53-55.

"Comquanto a pobreza - a miséria em que vivo [...] escondendo-me em minha pobre casa e não ousou apparecer em público."

Idem, ibidem, p. 136.

A sua incapacidade de remir as dívidas que havia contraído, levou inclusive ao arresto das mobílias.

ULRICH, Rui Ennes, "Discurso do Prof. Doutor Rui Ennes ULRICH", in *Comemorações do Primeiro Centenário do Visconde Almeida Garrett (1854-1954)*, ..., p. 493.

Tornaram-se moda os seus chapéus, toucados, laços, vestidos [...] enfim, quasi todos os adornos femininos se chamaram 'á Garrett' na capital da Belgica, durante algum ainda que pouco tempo".³⁶

Regressado ao reino e apesar dos muitos inimigos que ia ganhando viu reconhecida a sua importância como estadista, foi feito Par do Reino,³⁷ sendo condecorado com inúmeras veneras, que ele fazia questão de usar e das quais a mais polémica foi a grã-cruz da Ordem Militar e Hospitalar de São João de Jerusalém, vulgo Ordem de Malta, de que foi baillio.

Mesmo no fim da vida, feito visconde, continuava a espantar pela indumentária, que em vez de aligeirar, tornava mais vistosa, assim numa das suas últimas aparições nas Câmaras, era vê-lo de casaca "...verde bronze, com botões de metal amarelo, recortado sobre o veludo verde; colete branco, de grandes bandas: colete deslumbrante; calça cor de flor de alecrim; camisa finíssima, a tira e os punhos encanudados, gravata de cores líbricas; luvas cor de palha".³⁸

QUEM ERAM OS ALFAIATES DE GARRETT?

Das muitas referências ao guarda-roupa de Garrett, apenas foram encontradas duas informações relativamente à sua proveniência. A primeira indicativa da origem dos seus sapatos e a propósito de um episódio tragicómico,³⁹ com um criado que abusivamente teria usado um par de finos sapatos de polimento enviados de Paris, que permite

³⁶ Idem, *ibidem*, vol. II, p. 196

³⁷ A este propósito refira-se que Garrett fez questão de mandar executar o uniforme de Par do Reino, o que valeu um certo ridículo.

BARRETO, D. José Trazimundo Mascarenhas, *op. cit.*, vol. VII-VIII, p. 444.

Este cuidado foi extensivo às suas armas, que o levou a modificar os sinetes e anéis de "brasão", de forma a que estes incluíssem o manto de grande do reino, bem como a coroa de conde, já que os membros da Câmara dos Pares, tinham também aquela dignidade.

Na colecção de lacres de Almeida Garrett existente na Biblioteca da Escola Superior de Teatro e Cinema é possível verificar que dois ostentam aquela coroa, enquanto que o maior tem o escudo sobreposto ao manto de grande, o que aliás corresponde aos desejos do próprio Garrett, conforme escritos publicados pelo seu biógrafo, Gomes de Amorim:

"...sobre um sinete grande que encomendei [...] deve constar o meu escudo [...] posto dentro do manto de grande e coroado pela côroa de conde [...] Mando também um anel com pedra sanguínea. Se n'esta pedra se pôde emendar a gravura coroando o escudo com a mesma côroa que hoje devo trazer, faça-se assim." AMORIM, Francisco Gomes de, *op. cit.*, tomo III, p. 346.

³⁸ PATO, Bulhão, *Sob os Ciprestes*, ..., p. 61.

³⁹ Trágico para Garrett que ficou com uns sapatos de baile destruídos, para o criado que a tal propósito recebeu algumas vergastadas e cómico para quem como Francisco Gomes de Amorim assistiu ao desespero do poeta perante a ruína de tão amados sapatos. AMORIM, Francisco Gomes de, *op. cit.*, tomo III, p. 560.

concluir que pelo menos parcialmente o seu calçado era importado, recorrendo para tal à ajuda de um intermediário.⁴⁰ A outra é relativa à encomenda de uma casaca de Inglaterra, através de um funcionário do ministério dos Negócios Estrangeiros, de seu nome Biker, que Garrett arrolou como seu "alfaiate" ou mais concretamente "medidor" e intermediário com os grandes alfaiates londrinos.⁴¹

O biógrafo do dramaturgo refere que no seu espólio é possível encontrar missivas relativas a encomendas de peças de indumentária, mas também acessórios, que eram importadas através dos representantes oficiais de Portugal em França e Inglaterra,⁴² embora tal correspondência permaneça inédita, não dando Gomes de Amorim à estampa qualquer carta, nota de despesa ou outro documento que permita identificar um alfaiate, camiseiro, chapeleiro, luveiro ou fabricante de sapatos.⁴³

Pode-se especular se toda a indumentária de Garrett seria produzida no eixo Londres-Paris, ou se pelo contrário os alfaiates nacionais, ou que vindos do estrangeiro aqui se haviam estabelecido, eram responsáveis, por parte do guarda-roupa do fundador do Conservatório. Fica assim a dúvida se seria o seu alfaiate o Jung, de que ele fala em "O Brasileiro em Lisboa",⁴⁴ o célebre Jung que era responsável pelas casacas do rei Dom Fernando II e dos príncipes.⁴⁵ Vesti-lo-ia talvez o Morais, que tinha estabelecimento aberto na Rua Nova do Almada, junto ao Pote das Almas e onde era possível encontrar

⁴⁰ "...mandou-m'os o Paiva, de Paris..."
Idem, *ibidem*, p. 560.

⁴¹ Idem, *ibidem*, tomo III, pp. 344-345.

Garrett ficou tão satisfeito com a casaca de lemiste encomendada e que lhe assentava tão bem, que mesmo depois de sair do Ministério dos Negócios Estrangeiros, continuou a pedir ao mesmo Biker que lhe fizesse as encomendas de Londres. Francisco Gomes de Amorim cita uma encomenda que devia chegar no paquete vindo de Londres e que aqui se trancreve:

"«1 casaca preta, primeira qualid.e, forro de seda, etc.

«1 suit of clothes (andaina ou fato completo) de verão, especie de (trajo?) de caça para ir a Cintra, etc., feito o fraque ou como quer que lhe chamam com muitas algibeiras; as polainas - o côrte para calça e colete - todo igual de uma fazenda, desde a polaina até ao fraque.

«3 camisas de campo brancas, mas com uma de côr.

Gravata de seda bem propria para que diga com a côr do fato, etc.»

Idem, *ibidem*, p. 345.

⁴² "Nos seus papéis avultam numerosas correspondencias com os representantes portugueses em Inglaterra e França, tratando de sinetes, aneis, botões de libré, robes-de-chambre, pantouffes, camisas, luvas de Jouvin, cobertas de cama, meias, sapatos de baile, casacas, colletes, papel, obreias, etc., tudo, enfim, quanto a mais requintada elegancia tem por indispensavel."

Idem, *ibidem*, p. 347.

⁴³ Levantou-se efectivamente a propósito de luvas o nome Jouvin, mas não foram encontradas quer em enciclopédias de traje, quer em obras relativas ao vestuário e acessórios do século XIX, qualquer indicação sobre este nome, nomeadamente se se trata de um modelo ou de um fabricante.

⁴⁴ "O Brasileiro em Lisboa", in *Escritos Diversos*, Lisboa, Círculo dos Leitores, 1984, p. 146.

⁴⁵ COSTA, Mário, *O Chiado Pitoresco e Elegante*, Lisboa, s.e., 1987, p.151.

grande variedade de casacas e outras peças de indumentária.⁴⁶ Talvez o servisse o alfaiate Alfredo Strauss, irmão do músico Johan Strauss, que chegara a Lisboa em 1793 e por aqui se quedara.⁴⁷ E quanto aos chinós? Seriam talvez de Francisco Andriillat, cabeleireiro da Casa Real, que tinha uma "...venda de marrafas, chinós, perfumes, chambres, gravatas, chinelas, camisas, etc.",⁴⁸ mas também poderiam ser oriundos de Mr. Julien, que vendia as últimas modas capilares de Paris.⁴⁹ Teria chapéus de Lavallé ou do Duarte? e as suas apregoadas luvas cor de palha, seriam legitimamente parisienses, ou teriam origem no Luveiro Ramenot?

A INFLUÊNCIA DE GARRETT

Garrett foi talvez o primeiro dos "adamados" que se luziam nos cafés do Chiado, não se coibindo de usar postições para melhorar a sua aparência, acusavam-no aliás de usar espartilho.⁵⁰

Um dos episódios atribuídos ao poeta mais ilustrativos do cuidado, mas também do artificialismo com que cuidava a sua aparência exterior, é relativo ao desfazer da toilette perante um criado contratado recentemente e que olhava incrédulo para Garrett enquanto este ia retirando a miríade de postições, com que valorizava o seu físico, a começar pelo inevitável chinó, mas também os inúmeros chumaços que tinha disposto estrategicamente. Verificando Garrett que era olhado com pasmo, não terá resistido a uma brincadeira, pelo que fingiu desatarraxar a própria cabeça, o que motivou a retirada esbaforida do assustado servente.⁵¹

O fundador do Conservatório deixou influências na moda, os próprios inimigos o copiavam.⁵²

⁴⁶ PEREIRA, Acúrcio, "Garrett Jornalista", in *Comemorações do Primeiro Centenário do Visconde Almeida Garrett (1854-1954)*, ..., p. 345.

⁴⁷ COSTA, Mário, op. cit., 1987, p. 290.

⁴⁸ SEQUEIRA, Gustavo de Matos, *O Carmo e a Trindade*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1967, 2ª ed., vol. III, p. 265.

⁴⁹ - Idem, ibidem, p. 496.

⁵⁰ VIANA, Mário Gonçalves, *Almeida Garrett*, Lisboa, Círculo dos Leitores, 1984, p. 126. Cite-se a este propósito o texto de Júlio Dantas, "A Elegância Romântica em Portugal", transcrito por BASTO, Artur de Magalhães, "Garrett, Mundano" 4), ..., p. 309: "...o elegante de 1840 tem de usar espartilho; mas, enquanto aperta a cintura como uma abelha, o peito arqueia-se-lhe num papo enorme recoberto pelo colete acolchoado, e a sobrecasaca, armada em crinoline, alarga em balão, tufa em «tubos de órgão» e dá ao pobre homem a configuração de um sino."

⁵¹ RODRIGUES, Teresa Campos, sub-voce, Lisboa, 1999, Junho.

⁵² "Imitavam-lhe os gestos e os modos, e penso que até a barba e a cabeleira. Copiavam-lhe os trajos, o talhe da casaca, a feição do fraque, os folhos da camisa, as cores dos estofos..." AMORIM, Francisco Gomes de, apud VIANA, Mário Gonçalves, op. cit., p. 87.

"Os adamados copiavam-se uns aos outros, no corte do fraque sangrado na cintura (modelo Garrett), na linha do paletot, no vigor do talhe das calças, no luxo dos coletes de fantasia, nas cores dos plastrons, nos modelos dos colarinhos. Escravizados pelas modas, esses elegantes corriam aos principais ateliers à procura do artista que melhor manejava a tesoura e que no acabamento deixava a nota característica da casa...".⁵³

Mas se a elegância se mantinha, o "Divino" havia desaparecido.

CONCLUSÃO

Resta pois concluir em ambiente de celebração pela passagem do segundo centenário do também dandy fundador do Conservatório Nacional, do qual nos reputamos descendentes legítimos, citando a ramalhal figura, que tão bem soube descrever esse raio de sol que foi Garrett, verdadeiro *primus inter pares* de uma importante geração que lutou para transformar Portugal, e também as suas modas, tirando-o de um atraso bolorento:

"É no meio dessa sociedade, desbravada apenas da servidão católica-monárquica, devota ainda, mal-humorada e casmurra, que Garrett aparece, mensageiro do novo espírito europeu.

Foi êle que, de chapéu branco, calças de quadrados, gravata encarnada, monóculo no olho, um charuto nos beiços e uma chibata em punho, vergastou as orelhas do Velho Mundo Português e o obrigou a abrir a primeira garrafa de champagne."⁵⁴

PROF. PAULO MORAIS - ALEXANDRE
(E. S. T. C. - Departamento de Teatro)

⁵³ COSTA, Mário, *O Chiado Pitoresco e Elegante*, Lisboa, s.e., ed. de 1987, pp. 289-290.

⁵⁴ ORTIGÃO, Ramalho, op. cit., pp. 233-234.